



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## **O DISCURSO DO SUJEITO NA FEIRA LIVRE: UMA ANÁLISE DOS JOGOS DE VERDADE NAS RELAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS COMO CONSTRUÇÕES DE SABERES**

Márcia Lázara Pinheiro Silva

Orientadora: Profa.Dra. Jackeline Mendes Rodrigues

Mlpinheiro00@yahoo.com.br

### **Resumo**

Possibilitar a apresentação da feira livre, não sob a ótica de um espaço específico para o comércio livre, mas como um espaço rico e possível de manifestações de saberes que se mostra nas relações sociais entre os sujeitos, feirantes e fregueses.

Desse modo, ao adentrarmos nesse espaço daremos a ele um olhar ou uma esperança válida para se pensar nos conhecimentos e nos trabalhos realizados pelas Instituições Escolares, propiciando um modo de dar vida às formas de aprendizagem e ainda como meio possível de contribuição para aproximar as crianças em período escolar de realidades que fazem parte das atividades cotidianas de inúmeros sujeitos.

Para reforçar essa temática, torna-se necessário colocar o leitor em contato direto entre a cena e o acontecimento social que se manifestam entre os sujeitos, feirantes e fregueses, possibilitando sua inserção nesse local repleto de significados.

**Palavra Chave:** Comunidade, Sujeito, Discurso e Jogos de Verdade

### **Introdução**

A grande inquietação se fundou a partir de uma questão que se faz presente na problematização interior da pesquisa de que, o conhecimento não seria somente um resultado natural e sim a soma das práticas ou das probabilidades de aprendizado que cercam os sujeitos em suas rotinas cotidianas.

Desse modo ao olhar para a feira livre foi possível localizar um leque de possibilidade entre o fazer e o saber, que se mobilizam em decorrência da atividade realizada pelo feirante. Além dos costumes e da prática, é possível verificar que os mesmos possuem uma diversidade de conhecimentos contemporâneos para a tratativa com os fregueses.

Mesmo que o conhecimento do sujeito feirante, que se manifesta oralmente, não disponha de uma linguagem localizada dentro da norma de prestígio da sociedade percebe-se que ele



é totalmente capaz de falar com fluência sobre todas as questões que envolvem a atualidade, como exemplo, tecem posições sobre a política, a economia, a educação, o esporte, a meteorologia e também sobre as celebridades. Constituindo interações, e como apontado por Bauman (2005) promovendo um processo “de identificações” com os fregueses.

Portanto, nesse espaço de mobilidade em que as feiras livres se inscrevem ergue-se uma rede educativa não formal, uma dinâmica que não está somente na atividade de vender produtos ou de seduzir fregueses pela amabilidade, há algo a mais, que o capitalismo não conseguiu ao longo de sua soberania derrubar, as relações sociais pautadas em cordialidade, respeito, olho no olho e atenção para com os fregueses, tratando-se de um costume do feirante.

E na busca de entender as relações sociais visualizar por meio da ciência etnográfica as formas como os feirantes que, mesmo diante das adversidades impostas pela profissão, se posicionam estrategicamente sendo capazes de fazer de uma sabedoria que, floresce da prática e de certa maneira da massa. Um meio “autônomo” e digno de promover a sobrevivência.

Nesse aspecto contemplaremos a feira livre enquanto uma comunidade que, se mantém viva e contínua mesmo sob as criações pós-modernas.

## **1. O CAMINHAR ETNOGRÁFICO: A FEIRA LIVRE NA VIDA COTIDIANA**

A proposta de observação de pesquisa restringiu-se a visitar a comunidade feirante aos domingos, visto que a maior feira da semana se dá nesse dia, possibilitando em virtude da grande movimentação localizar o que a pesquisa pretendia com maior dinamismo.

O ingresso a comunidade da feira livre e as observações realizadas durante todo o período da pesquisa me permitiram o seguinte questionamento: Como será esse espaço de acontecimento da feira livre nos dias em que as feiras não são realizadas nesse local?

Para responder a essa pergunta, nada melhor do que o deslocar-se ao local de acontecimento da feira livre em outro dia. Tomei como local de observação e contemplação a escada que leva a Estação Ferroviária de Trem, e que fica localizada ao fundo da feira livre aos domingos.



Foi uma sensação única, o ambiente sem qualquer movimentação de sujeitos, cedia lugar aos mais diversificados modelos de veículos o que me alocou dentro de um espaço vazio, gélido, sugerindo que o mundo havia congelado, e que aquele lugar com uma diversidade de sujeitos circulando em dia de feira livre, havia se tornado um retrato em minha mente, cedendo o espaço para o concreto e o funcional característico da pós-modernidade.

Do ponto em que eu estava, era possível visualizar também a Estação Central do Ônibus Urbano e a Avenida onde a feira é edificada, que possui uma grande rotatória gramada e que nesse dia somente podia ser visualizada como uma arquitetura comum que permitia aos ônibus a realização da manobra para a entrada na Estação Central.

O que difere muito no domingo, que se transforma em uma arquitetura de movimento, pois é ocupada pelas mesas da banca do pastel que são constantemente disputadas pelos sujeitos e suas famílias, ou amigos.

Como não poderia faltar, a frente da Estação ferroviária de trem, ficam os taxistas e seus veículos em fila, deixando ou levando sujeitos de hora em hora, o mais significativo é que durante a realização da pesquisa, eles não faziam parte do cenário, ou tão significativo é o espaço da feira livre que pouca atenção era a eles dada.

Assim, sem o despertar das emoções positivas, o que me consumiu nesse dia foi o fedor de urina humana que se misturava as fezes de animais, um mau cheiro que não é característico do cheiro adocicado ou do cheiro do pastel nos dias em que a feira livre ocupa esse ambiente.

Fui também tomada pela quantidade de lixo: garrafas descartáveis, garrafas de vidro, pacotes vazios de biscoitos e bolachas, um lugar típico da Cidade urbana, repleta de sujeitos que ainda não possuem a sensibilidade de depositar o lixo nos locais destinados a eles. Capazes, de não pensar as questões implícitas da feira livre como a continuidade e a preservação dos meios naturais e sociais.

Todavia, como toda ação gera uma reação, essa observação me fez perceber o quanto a feira livre toma corpo na vida cotidiana dos sujeitos, mesmo que ela seja vista como uma atividade itinerante, ela é apropriada para aquele ambiente, ela se torna um evento social capaz de mobilizar a arquitetura local e as relações sociais, estabelecendo uma forma de pertencimento e de significar à prática da feira livre cotidianamente.



O freguês é nesse ínterim expressivo, pois como não há feira sem a presença do sujeito feirante, também não há o sujeito feirante sem a existência do freguês. Todo cuidado manifestado pelo feirante na realização de sua prática se traduz sempre na atenção que ele deseja oferecer aos seus fregueses.

O que possibilita que as relações sociais entre os feirantes e fregueses, pautem-se em formas harmoniosas de convivência, em geral as trocas realizadas se traduzem em histórias de vida, experiências passadas, jogos de adivinhações, brincadeiras e que possibilitam que os feirantes sejam capazes no dia a dia de construir novos meios de condução dos trabalhos.

Além da sensibilidade para o trato com seus fregueses, usam o discurso como forma estratégica de abordagem. Os feirantes discursam sobre tudo, política, economia, religião, esportes, novela, celebridades, enfim, um repertório eclético que muitas vezes foi constituído a partir do discurso do outro, o freguês.

O freguês é constantemente ouvido pelo feirante, que reflete e aprende, fazendo uso daquele discurso em momentos apropriados, mas também discordam, e nessas trocas sociais que se fundam, os feirantes visam manter uma relação pautada no respeito, pois raramente entram em discussões calorosas com os fregueses.

Uma capacidade do feirante, de expressar o que pensa ou o que sente, sem desconsiderar a percepção ou o sentimento do outro. Mesmo havendo nessa comunidade poucos feirantes que conseguiram atingir o nível fundamental de escolarização, eles se sobressaem na contemporaneidade em decorrência dos usos e costumes, pois foram educados nessa prática e compreendem a importância que o outro, o freguês, exerce nessa relação social.

E, para receber o outro nesse meio público e também social de acontecimento da feira livre, que os feirantes trabalham muito. Iniciam suas atividades a partir de uma hora da madrugada e, somente saíram desse espaço por volta das quatorze horas.

Contudo, o trabalho não se finda, já que durante o período da tarde continuam a jornada na plantação, na colheita ou na compra dos produtos. São habituados a poucas horas de sono, e nem por esse motivo, desdenham a profissão ou queixam-se de cansaço.

Na feira livre nenhum dia é como o outro, tornando-se impossível uma estimativa de participação dos fregueses por meio de observação. Algumas vezes nesse espaço há um número maior de homens e em outros dias um número maior de mulheres. Podemos



apenas afirmar que os primeiros a chegarem à feira livre são sempre os idosos, algumas vezes solitários outras vezes acompanhados.

Os casais idosos nos chamam atenção, eles vivem entre a tradição e a contemporaneidade. As mulheres caminham um passo a frente e param escolhendo as frutas, verduras, e outros produtos, os homens caminham um pouco atrás, levando a sacola de produtos e a carteira de dinheiro.

A degustação, ou prova, como os feirantes chamam é um espetáculo a parte. Dinâmicos os feirantes convidam homens, mulheres, crianças, jovens e idosos para realizarem a prova do fruto da estação, que sempre é apresentado com uma coloração magnífica e com um perfume agradabilíssimo. Em segundos uma agitação e um aglomerado de fregueses se organizam como um quebra-cabeça na frente da banca. Em seguida o freguês apresenta uma conduta de tolerância posicionando-se ao lado para ser atendido. Outros, desinteressados na fruta, pegam o pedaço e saem rapidamente do local deixando aberto para que o próximo realize a degustação.

Em seguida ao espetáculo, os feirantes são convidados pelos fregueses que aguardam para aprenderem a como escolher o melhor fruto, tão doce e bonito quanto o degustado, eles sem qualquer cerimônia ensinam uma, duas, três, quatro e assim sucessivamente a mesma coisa, sem que os questionamentos os levem ao nervosismo ou provoquem irritabilidade.

Uma questão bastante relevante, que nos coloca frente ao controle emocional que a pressa da contemporaneidade não permite aos sujeitos pós-modernos. Dessa forma os atores da feira livre são capazes de promoverem uma encenação cotidiana fazendo do lúdico e do estético, ferramentas imprescindíveis nas relações humanas estabelecidas, legitimando os seus hábitos e costumes.

### **1.1 Entre o estético e o lúdico: as relações sociais na feira livre**

Cores vivas da natureza, barulho de trem, som das diversas vozes, cheiros das frutas, mal cheiro dos peixes, fatos e relatos entre feirantes e fregueses. Com a manhã ainda sobre o breu da noite, feirantes aguardam ansiosos pela chegada dos fregueses. Faça chuva ou faça sol, isso não importa para a comunidade. O que importa é o seu acontecimento, o seu sucesso.



Ela começa de mansinho, lentamente e de repente toma uma intensidade magnífica de sujeitos circulando. Carrinhos que se chocam, sacolas que se enroscam. Pessoas que pedem passagem: alguns com muita pressa outros sem pensar no tempo. Alguns solitários, outros acompanhados de uma grande família. Idosos, jovens e crianças, uma heterogeneidade de estilos de vida, das mais diferentes raças, das mais diferentes classes. Ricos ou pobres, isso não implica, o que implica é a alegria contagiante e a cortesia que, essa comunidade deposita sobre seus diversos fregueses. E assim, a feira livre assume diariamente seu papel na vida das cidades urbanas.

O que então a diferencia de uma grande rede de hipermercados, onde podemos encontrar tudo o precisamos, além do que está disponível na feira livre?

Na feira livre não nos deparamos com a preocupação padronizada existente em hipermercados, nem tão pouco com ambientes resfriados pelo ar condicionado, mas nos deparamos com as raízes de uma comunidade que visa tornar a prática da feira livre a mais viva possível.

São as manifestações sociais que mobilizam as emoções, dando a sensação de um corpo sempre presente, mesmo que na contemporaneidade venhamos a nos deparar com a redução do contato pessoal no processo de socialização entre os sujeitos, da ausência do “olho no olho”, do distanciamento dos laços afetivos, como de amabilidade, de respeito, de cordialidade e de cooperação, que se manifesta em algumas circunstâncias pelo movimento incessante da tecnologia como nos aponta Coracini (2006), na feira livre essas relações são constantes e perceptíveis.

Nessa comunidade o freguês, o ser humano, tem alma e merece atenção. Trata-se de um manifesto soberano para com o próximo e que, permite que seja instaurado um contrato de participação. Ali não estão expostos somente as frutas ou os legumes, estão expostos a compaixão e a união de uma comunidade que transita entre os costumes e a contemporaneidade, visando não somente o seu sustento, mas viver fraternalmente nesse mundo de diferenças e violência.

Contudo, como os feirantes promovem relações sociais respeitáveis, eles se implicam com as formas de tratamento mal-intencionadas dos fregueses e demonstram imediatamente por meio do semblante que reprovam aquela ação. Que se produz muitas vezes pela ausência



de resposta do freguês ao “bom dia” ou pelo desinteresse do freguês em ter uma conversa com o feirantes.

É sabido que eles têm muito mais a oferecer aos fregueses do que os produtos que comercializam, eles oferecem saberes por meio da oralidade, mas também se constituem a partir dos saberes dos outros feirantes e dos fregueses.

A história contada pelo Guilherme de onze anos de idade (banca de frutas), aos seus fregueses é a seguinte: *O abacaxi está super docinho, quer ver? Quem é o rei da selva? O leão. Quem é o rei da França? Sarkozy. Quem é o rei da horta? O único que tem a coroa mais bonita...Então, pode levar não vai se arrepender, ainda mais se cortar de pé, sem tirar a coroa, ai ele fica feliz na geladeira uma semana.*

Por meio do conto ele consegue ensinar como manter o fruto por mais tempo, e chama a atenção dos fregueses que param para ouvir aquele pequenino garoto de aproximadamente 1 m. e 20 cm. de altura falar como um intelectual.

Uma possibilidade encontrada por ele, para aproximar os fregueses, permitindo-se enquanto criança, trazer à tona o “leão como rei da selva” e de se aproximar ao mundo adulto, ao chamar o presidente da França de Rei da França, incluindo a essa história a sua prática e o seu saber.

Não é qualquer garoto de sua idade que encontra estratégias de comercialização como essa, é perceptível que essa conexão que ele faz entre o presidente da França e a prática de conhecer o produto, têm impregnado os saberes de adultos, mas que também demonstra que ele aprende e se articula para ensinar o outro da sua maneira.

E por essa articulação entre os feirantes e fregueses, que o estar na feira livre não se resume somente em degustar a combinação maravilhosa de pastel com caldo de cana ou de pastel com coca-cola de garrafinha, vai além, disso. Pois, permite participar da dinâmica social, da troca dos diversos assuntos ali tratados e de sentir um contentamento que se mistura ao saber.

Tanto que, há fregueses que muitas vezes não compram nada, fazem questão de parar e trocar meia dúzia de palavras com os feirantes, de perguntar onde comprar determinado produto, de manifestar uma brincadeira e de comprovar que tem o contrato de participação internalizado.



Muitas vezes as trocas das palavras são piadas, um passa tempo agradável que satiriza o time preferido de futebol, ou a política do país, ou o próprio modo de ser. Outras vezes tratam de adivinhações que em algumas ocasiões estão atrelados a um produto comercializado.

*“Por que a manga cai da mangueira? Porque ela não sabe descer pelo galho!”*

Os fregueses param para ouvir, para pensar e, respondem positivamente com um sorriso ou com a aproximação para olhar e tocar os produtos.

Há ainda pelos feirantes alguns discursos que, criticam assuntos contemporâneos, e que produzem um movimento reflexivo:

*“Qual é o prato preferido dos Políticos? As massas.”*

Os feirantes ao lançar uma brincadeira por meio do discurso, permitem que esse som internalize o freguês, que gosta do que ouve. E que irá possivelmente reproduzir esses dizeres em outros locais e em outros momentos.

A troca por meio das brincadeiras é também um jogo que se estabelece entre os feirantes, é parte integrante das formas de interação na comunidade.

*-Moça não compra dele, eu sou mais bonito!*

Não seria correto apresentar um ambiente sem qualquer momento de conflito, eles existem, e fazem parte da realidade dessa comunidade, mas os choques ou embates quando manifestados são sanados e resolvidos entre eles, parecem ser tratados de forma velada.

Pudemos observar essas relações durante a pesquisa falando especificamente sobre a comunidade que nos inserimos e que fazem parte de uma das maiores feiras livres da Região.

A avenida de acontecimento da feira livre é extensa, porém pouco movimentada por veículos aos domingos se tornado um local convidativo para a prática esportiva, como caminhadas, bicicletas, corridas. Esses sujeitos preocupados com a saúde fazem uma paradinha para tomar água de coco e se sentar para descansar, reativar as energias e retomar a atividade física. Alguns se sentam nas bancas de pastel e praticamente ali almoçam, já que é à tarde que se vão.

Casais de namorados e amigos se encontram lá, para então após um pastel fazerem um passeio dominical, como podemos notar o espaço da feira livre é um local de “encontro”.



Entretanto, pouco favorecido nos dias de chuva. Nos dias nublados, de garoas e de chuva, a passagem pela feira livre é soberana aos idosos. Ao olhar para o corredor da feira se percebe as mais variadas cores, mas que não são dos frutos, legumes ou verduras, mas sim das sombrinhas que se entrelaçavam pedindo passagem.

Todos sempre apressados, dispostos somente ao bom dia, e ao retorno rápido para a casa. Esses dias são de grande tensão para os feirantes, olhares sempre preocupados pelo baixo movimento, e no segundo semestre do ano de dois mil e dez as chuvas aos domingos foram “presentes de grego” para eles, que tentavam a todo custo não permitir que o mau humor que o dia sugeria, fizesse parte de seus semblantes.

Mesmo em dias de chuva é comum a todos os feirantes colocar o corpo em movimento, o andar de um lado para o outro, promovendo a arrumação dos produtos, conversando com outros feirantes, e até dançando. Ensaíam diversas coreografias com os demais, é como se fosse um estender de mãos para aproximar os fregueses.

O uso do corpo é de certa maneira o que valida o senso comum da comunidade, no qual o feirante não pode ser ocioso.

Foi somente depois de compreender esse conceito dos feirantes que, passei a me levantar muito cedo para lá estar, pois ao iniciar a pesquisa fui tomada pelo horário do comércio local às 8 h, como sendo adequado para iniciar as minhas observações, contudo vim a perceber que a realidade ali era outra, por ser questionada várias vezes com referencia ao horário.

*-“Feirante não chega à feira 8:00 horas.” ou - “Agora que você chegou? A Feira já acabou.”*

Os feirantes trabalham a manhã toda, alguns cortam alimentos e embalam deixando pronto para o consumo direto do freguês. Homens, mulheres, jovens e algumas crianças apresentam as mãos ásperas, calejadas e unhas de quem lida com a terra, algumas vezes até machucadas, com cortes profundos.

Entretanto, devemos tirar o chapéu para eles, a agilidade com os números muitas vezes aprendida com a prática é de causar inveja aos mais variados profissionais e especialistas, sejam eles matemáticos, engenheiros ou economistas. Sem o uso de qualquer dispositivo tecnológico, como calculadoras, são capazes de somar, dividir, multiplicar, fracionar



dúzias em unidades e multiplicar pelo preço que será em seguida somado aos diversos produtos.

A sensação é que eles parecem brincar com os números, sem medo de errar, sem denotar dúvida naquilo que fizeram uma capacidade significativa que, eu, acredito que poucos aprenderam no âmbito escolar.

E não somente, pelo uso dos números que os sujeitos feirantes se sobressaem, eles também articulam e criam possibilidades por meio da linguagem para provocar e chamar a atenção dos fregueses, podemos mencionar:

*“Para que serve o cheiro-verde? Para cheirar.” (Rodrigo, 31 anos – banca de verduras e legumes). Esse enunciado foi sequencialmente seguido de explicações: - Que “tá bonito, colhido hoje, vai deixar a comida do domingo a mais cheirosa do mundo, a nora e o genro vão até elogiar.”*

Esse discurso se torna um chamariz para as donas de casa que fazem do dia de domingo um dia importante, de encontrar e de receber os parentes, de servir uma comida bem feita e que seja apreciada por todos os familiares ou amigos. As donas de casa após depositar todo carinho para fazer o almoço, esperam, para receber um elogio.

Nesse espaço não existem recursos sofisticados, porém, eles fazem questão de realizar a chamada “maçaria<sup>1</sup>” como um ato criativo, estão atentos aos detalhes. Exibem os maços de espinafre, rúcula, e outras folhas, como se fossem grandes buquê de flores, seria como oferecer ao freguês um presente cheio de afeto.

Mas algo que não é aceitável por eles: é o pedido de desconto que o freguês faz. Eles ficam em algumas circunstâncias muito irritados, já que os produtos que constam da tabela específica do Governo para formulação de preços, são em grande maioria baratos.

E, é por esse motivo que ocorre um choque entre os “chineses” e os feirantes. Os chineses querem sempre desconto, chegam a implorar, e quando não agradados falam em voz alta e grosseiramente que os produtos dali são ruins, estão duros, estragados, demoram cinco horas na panela de pressão para ficarem prontos, expressão nervosismo na língua chinesa, ou seja, eles fazem um espetáculo à parte.

Os feirantes diante da situação ficam firmes e não arredam o pé. Segundo eles, vão aprendendo a lidar com os chineses, que dão duas voltas na feira e retornam na banca que

---

<sup>1</sup> Maçaria: nome dado por eles para fazer os maços de verduras.



fizerem o maior estardalhaço e comprem sem desconto, como se nada houvesse acontecido.

Maria que planta, colhe, higieniza, descasca e pica, vende produtos direcionados a esse público, como nabo, flores comestíveis, enfim agrados da culinária chinesa e japonesa, e diz que os feirantes devem “*tirar sarro dos chineses*”, ai eles param de “*atazanar*”. Ela é uma feirante, com um comportamento bastante extrovertido, se diverte o tempo todo com os fiscais, com outros feirantes e conversa muito com os fregueses, e ao vê-la recebendo uma chinesa, foi possível perceber que os trata diferente dos demais feirantes, quando eles se aproximam ela não espera que eles pronunciem uma palavra se quer, ela se antecipa:

*Maria: - Cadê aquele marido feio que você tem?*

*Chinesa: - Tenho marido feio, mas não vendo verdura estragada, tudo estragado ai.*

*Maria: - Ah! Mais desse jeito você vai levar a minha banca inteira, isso tudo é expressão de quem ama meus produtos... e ri.*

A chinesa escolheu couve e outros produtos, reclamou um “pouquinho” do preço, pagou e foi embora.

E no desenrolar da feira livre um fato que merece atenção e que nos remete a grande preocupação da contemporaneidade são os inúmeros sujeitos, homens e mulheres que buscam produtos “milagrosos” para o emagrecimento. Sujeitos, muitas vezes magros, que não se sentem felizes com seus corpos, um movimento avassalador sobre a necessidade de atender as questões estéticas da pós-modernidade.

A procura nesse dia foi por pó de feijão branco, que misturado ao suco ou água e ingerido trinta minutos antes das refeições se torna um catalisador de gordura, a qual é colocada para fora do organismo, via urina ou fezes.

De acordo com a proprietária da banca (Márcia Adriana, 36 anos) ela não precisa assistir a TV, pois no dia seguinte quando a procura é fora do contexto normal, ela já sabe que houve algum programa exibido por uma das redes de televisão, que incentivaram a procura e a compra. Segundo ela tamanho é esse fio que liga os sujeitos que “*chega a faltar o produto de tão procurado*”.

Os produtos de maior procura são sempre os de cunho digestivo, muito mais do que aqueles destinados à saúde, ou apenas aqueles que deixam a comida ainda mais gostosa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

como tempero baiano, por exemplo, ou as diversas pimentas que comercializa como a biquinha, a dedo-de-moça e as de cheiro.

O fantástico é que ao explicar as diversas benfeitorias desse produto, entre uma conserva e outra, algo aconteceu que não é comum em nosso cotidiano, mas que lá parece ser totalmente natural. Sujeitos param no meio da feira para ouvir o que está sendo dito pelo feirante e, também pelo freguês com quem conversa. O sujeito que para motiva outros a promoverem o mesmo movimento, de manterem-se estáticos e com os ouvidos bem abertos, alguns chegam a entrar no meio da conversa e participar como se fossem convidadas a darem suas opiniões.

Esse fato foi notado diversas vezes, mulheres param costumeiramente quando se trata de receitas culinárias e pedem sem qualquer constrangimento que se repita, já que ao chegarem não pegaram a primeira parte.

A feira livre que assim se desenrola entre o estético e o lúdico é capaz de transformar os momentos dos feirantes e dos fregueses.

As frutas são colocadas de modo que as cores fiquem aparentes, é como se estivessem arrumando e ajeitando durante o seu acontecimento uma bela vitrine, ou como se estivessem expondo um quadro com cores vivas, digno de uma obra de arte, é o estético em movimento.

E o lúdico, pois a permissão dos jogos nessa prática, que aqui entendo como uma diversão ou como um passa tempo que os feirantes produzem por meio do discurso e que atravessa a realização da prática propiciando momentos agradáveis, reflexivos e de expansão de saberes.

Compreendido assim, que nos tempos modernos a feira livre não está na moda, não é chique, porém, é uma comunidade abastada, que ainda tem as raízes fincadas na hospitalidade, na cordialidade e no prazer de servir e seduzir o outro, aspectos esses que nunca deveriam sair de moda.

## **2. ROMPENDO AS BARREIRAS DO TEMPO: A COMUNIDADE FEIRANTE**



As primeiras leituras realizadas para iniciarmos as escritas deste trabalho, sempre nos propunham uma impossibilidade de se pensar na feira livre como uma comunidade, como se a comunidade fosse, em síntese algo bastante valorizado e, pertencente ao passado.

Tentamos então, focalizar os nossos esforços em compreender a realidade da feira livre como uma comunidade provável de existência na pós-modernidade. E, ao fazermos a leitura da introdução da obra de Thompson (1998), que abarca as questões dos usos e costumes, percebemos que ele depositava a sua esperança de iluminar o processo de formação dos costumes e a complexidade de seu funcionamento no mundo capitalista atual.

Foi a partir dessa perspectiva, que se tornou possível pensarmos na feira livre como uma comunidade, e a partir dela, compreender as dinâmicas que ali se estabeleciam, denotando que ela vem ao longo da história, ultrapassando as barreiras econômicas impostas pelos atuais modelos de gestão social e, que enquanto uma comunidade se faz presente na vida cotidiana das cidades urbanas.

## **2.1 Comunidades para discorrer sobre a feira livre**

Ao refletirmos sobre a feira livre, fomos automaticamente levados a pensar em um modelo cultural popular de desenvolvimento de atividades e também de relações sociais, porém ao nos debruçarmos sobre as literaturas, viemos a concordar com Thompson (1998), que na verdade o que era outrora tratado como costume, assume nos tempos modernos a denominação de cultura.

Assim se tratando, seria de nossa competência compreender a feira livre, não sob a ótica da cultura, e sim como uma comunidade, como um agrupamento de sujeitos com mesmos hábitos, constituídos pelos usos e costumes cotidianos que compõem o espaço da feira livre.

Ao apreciarmos as alusões constituídas por Thompson (1998) percebermos que o uso e o costume, além de nos possibilitar um ponto de vista sob o surgimento da feira livre, nos permitia ainda pensarmos no espaço em que ela está inserida e na atividade desenvolvida.



Contudo, em outro modo de olhar para o espaço seria pensar sobre os processos de aprendizagem e de conhecimento que nessa comunidade imperam e que nos pareceu fluir naturalmente entre os feirantes.

Pois, ao observarmos a forma como conhecem os produtos, como realizam os cálculos numéricos e o discurso, inevitavelmente observamos a forma como esses domínios são repassados para os seus companheiros de trabalho, para as crianças e aos fregueses.

Para isso, nos apoiamos em Wenger (1998) na discussão sobre a comunidade de prática. Focalizamos, então, uma oportunidade de tratarmos desse assunto por um viés que permite compreender o significado que a comunidade feirante tem com as suas atividades e com o meio social ao qual faz parte.

Atentando-nos as conexões de conhecimento e aprendizagem, que se articulam na atividade realizada pelo feirante cotidianamente, sendo permissível dar corpo a elas por meio da comunidade de prática.

Dessa forma ao pensarmos na feira livre, não deveríamos olhá-la somente sob a perspectiva do movimento mecânico do fazer a feira em prol da sociedade, mas valorizar a vivência do feirante e o seu afeto com o que faz cotidianamente. Compreendendo esses aspectos como fundamentais na constituição do conhecimento e na interação possível de aprendizagem. “La práctica se refiere al significado como experiencia de la vida cotidiana.” (WENGER, p.76, 1998).

Outro aspecto que nos mobilizou pensar a feira livre como uma comunidade está naturalmente cercada pelas questões que envolvem a pós-modernidade sob a ótica de Bauman (2005) e Hall (2005), sugerindo que a comunidade real assume nesses tempos, um cunho subjetivo, já que os sujeitos não possuem mais identidades e sim identificações com o que gostam e com o que fazem tornando na contemporaneidade a comunidade como algo impossível de existir.

Diante de tais estudos o questionamento mais comum era: Como pensar em comunidades em tempos pós-modernos?

Uma comunidade requer fixação e ao pensar nos sujeitos e em seus processos de identificações, percebemos que ela não condiz com a pós-modernidade, que colocou todos os sujeitos em sintonia com a mudança rápida e contínua, que promoveu agitação nas



relações sociais sob um cenário de libertação dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas pré-estabelecidas e das verdades inquestionáveis. (Bauman, 2003)

Contudo, a feira livre se mantém viva sobre as rotinas pré-estabelecidas no que se refere a sua prática, aos usos e costumes, ela segue e se alimenta de saberes que são utilizados de geração a geração. Mesmo que atuando na sociedade pós-moderna, repleta de sujeitos contemporâneos, ela em alguns momentos não se encaixa as perspectivas atuais enfatizadas por Bauman (2003).

Pois, enquanto os sujeitos pós-modernos se debruçam sobre os teclados comunicando-se a distância por meio dos dispositivos tecnológicos, os feirantes valorizam o estar presente, o olho no olho, legitimando o hábito. Ainda que os sujeitos feirantes sejam atravessados pela contemporaneidade, cercados pela tecnologia, ainda se mantém fieis aos seus usos e costumes que são respeitados pela sociedade, não somente corpos em atuação, mas também, as subjetividades de significar a feira livre e as relações sociais que se estabelecem nesse espaço.

Todavia, para que possamos elucidar a comunidade traçada por Bauman (2003) focalizando a díade de segurança e liberdade presente na vida dos sujeitos pós-modernos pensaremos na feira livre “como uma música que soa aos ouvidos dos feirantes”, ainda possível de existir na contemporaneidade.

## **Considerações Finais**

É esse reinventar cotidianamente existentes nas relações sociais dos sujeitos feirantes que pode agregar aos profissionais da educação, um meio para que possa aproximar-se de seus alunos, fazendo com que os mesmos sintam-se acolhidos, seguros e porque não pensar inspirados para o conhecimento.

Se os sujeitos são fabricados, conforme aponta Foucault (2009) então, o Professor tem também a capacidade de fabricar sujeitos nesse sentido, bem como as próprias instituições escolares.

Assim se tratando, há possibilidades de escolhas, no qual o sujeito da educação pode optar por valorizar e não humilhar, afirmar e não desumanizar, ter a consciência que ele é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

um grande responsável pela transformação do sujeito-aluno, que ali se encontra todos os dias.

A instituição escola pode então, ser o lugar onde seus alunos aprendam que são valorosos, e que podem se opor as lições ruins que imperam nesse mundo de constantes atos de violência e que a mídia traz a todo instante, mas para isso é necessário que lhe seja dado a oportunidade. É talvez esse deslocamento de não olhar somente para dentro da escola, mas para algumas práticas sociais, ou para a educação não formal, que torna-se capaz de desviar-lhes o olhar do ruim para o bom e constituir um ser humano verdadeiramente positivo.

É o acreditar no sujeito enquanto ser humano, ajudando-o a descobrir uma força positiva, a triunfar e a se superar frente às adversidades da vida.

### 3 Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Tradução, Plínio Dentzien. \_ Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. Globalização: As competências Humanas. Tradução Marcus Penchel, - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

Corracini, Maria José. Identidades Multiplas e Sociedade do Espetáculo: Impacto nas Novas Tecnologias de Comunicação in Práticas identitárias: língua e discurso / Isabel Magalhães. Maria José Corracini, Marisa Grigoletto, (org). – São Carlos: Claraluz, 2006.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber/Michel Foucault, tradução de Luiz Felipe Baeta Neves – 7.ed – Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. A ordem do Discurso. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade 3: O cuidado de si / Michael Foucault : Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque : revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. – Rio de Janeiro. Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

GRACIA, Tomás I., O Giro Linguístico, in Iniguez, Lupicinio, Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais, Petrópolis.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

HALL, Stuart. A identidade Cultural na pós-modernidade. Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

THOMPSON, E.P. Costumes em comum / E.P. Thompson ; revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes, - São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação / Alfredo Veiga Neto. – 2. Ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autentica, 2007.

WENGER, Ettiene. Comunidades de Prática: Aprendizaje, significado e identidad.